



NÚMERO? NÃO SÓ!
DISCURSO NA ABERTURA DOS SEMINÁRIOS
16 Novembro 2014 – Salão de S. Frutuoso – 17h30

Quando celebramos os 500 anos do nascimento do Beato Bartolomeu dos Mártires torna-se imperioso entrar no seu pensamento. Sabemo-lo preocupado em ter um bom clero e, para isso, pretende um bom seminário. Há um texto onde, em poucas palavras, elucida o que o seminário deve ser. “Isto de ordenandos não é fazenda de número mas de pezo; a Igreja não tem necessidade de ruins Ministros, que a desfiguram e envilecem. Sejam embora poucos, como sempre foi em toda a ordem de coisas o que é bom; pelo menos pouparemos à Igreja bracarense os justíssimos motivos de se latismar como o Propheta: *Multiplicasti gentem, sed non magnificasti laetitiam.*”

Desta citação podemos extrair várias conclusões. O número não é tudo e não se pode permitir ministros de má qualidade que não só desfiguram a Igreja como também a envilecem, tornam-na vil, desprezível, insignificante. Multiplicar não é sinónimo de aumentar a alegria. Só o que é bom se impõe e mostra validade em todos os tempos e épocas.

“Pedi ao Senhor da messe que mande operários” continua a ser imperativo para cristãos e comunidades. Se precisamos de muitos sacerdotes, só a santidade lhes dá verdadeiro valor. “Muitos e santos” é a única equação que corresponde às exigências de todos os tempos e, particularmente, da modernidade.

Ninguém aceita que a Igreja seja uma empresa marcada pela simples burocratização, aprendida em livros próprios, onde se aplica um legalismo canónico e, muitas vezes, de interpretação muito subjetiva por parte dos sacerdotes. Permite uma confiança. Olhar para o quotidiano do nosso presbitério significa verificar que há muitas ordens e imposições que não se compreendem mas existem, e o mundo necessita de Pastores que dão a vida pelas ovelhas, que amam as pessoas com um coração rico em misericórdia e compreensão.

Este estilo adquire-se nos seminários e estes devem oferecer ao presbitério, e à Igreja, sacerdotes que aumentem a alegria de todo o povo de Deus. É o critério que marca o agir dos sacerdotes e não o contrário. Viver para proporcionar alegria e nunca tristeza e, quem sabe, traumas para a vida toda.

Quando a Igreja Arquidiocesana trabalha as exigências de uma fé vivida, onde as obras concretas manifestam o nível da fé, não é inoportuno interrogar-se sobre o que move e inspira o ministério sacerdotal. A fé é a raiz e a motivação do agir e este é



realizador da felicidade quando se coaduna com aquela. Daí que sem uma experiência íntima e pessoal de fé nunca proporcionaremos à Igreja a responsabilidade de ser uma verdadeira alternativa num mundo de confusão e de interesses pessoais. Pode parecer ingénuo afirmar que não podemos ser mais uma agência ou organização. A Igreja afirmar-se-á pela qualidade do seu agir e este nunca será mensurável pela eficácia ou pelos critérios correntes e aplicáveis nas ciências do viver comunitário. O número vale quando marcado por um verdadeiro encontro com Cristo. Daí que este ano da Fé Viva deveria dizer aos sacerdotes isto mesmo e provocar um verdadeiro exame de consciência, interpretado responsabilmente sobre o que faz mover os sacerdotes e onde estão alicerçados os critérios do seu agir.

Há dias lia um pensamento, não me recordo onde nem o seu autor, que diz: *Deus facit; homo fit* (Deus faz; o homem faz-se). A acção de Deus é criadora, o homem deixa-se fazer e vai-se fazendo, progredindo numa procura da plenitude. Também o sacerdote se deixa fazer pela comunidade e cresce quando as suas acções ministeriais coincidem efectivamente com a Palavra de Deus e o sentir da Igreja. É fácil viver em caminhos paralelos. Para que sejamos credíveis, necessitamos de uma plena sintonia e correspondência. A fé na vida e a vida na fé.

Ter um conjunto de individualidades, que pessoalmente se consideram muito competentes e capazes, mas sem um sentido de unidade expresso no dinamismo da Arquidiocese que cresce na fidelidade ao Evangelho, nunca poderá oferecer resultados convenientes, em termos de eficiência e de testemunho. Só uma profunda identidade com Cristo, assumida a partir do seminário, pode assegurar o futuro da Diocese. Diocese essa que testemunha verdadeira alegria em servir um povo que espera que sejamos capazes de abandonar todos os sinais de poder para lhe mostrar, como motivação a fazer o mesmo, o poder dos sinais. São os sinais das obras, e concretamente das Obras de Misericórdia, que mostram quanto vale a Igreja e qual o verdadeiro estatuto de um sacerdote à frente de uma ou mais comunidades.

Rezo todos os dias para que Deus nos conceda muitos sacerdotes. Não tenho medo de afirmar que a minha alegria não está no número. Acredito e espero um presbitério apaixonado, só e apenas, pelo Evangelho e que entrega, gratuitamente, a vida para que todos tenham vida.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*